

Makaya McCraven

19 nov 2023
21:30 Sala Suggia

Makaya McCraven bateria

Matt Gold guitarra

Junius Paul baixo

Anisha Rush trompete

Prolífico baterista, compositor e produtor, **Makaya McCraven** lançou em 2022 *In These Times*, o culminar de um projeto com mais de sete anos e um acrescento muito importante à sua aclamada e extensa discografia.

McCraven acredita que “a palavra *jazz* é, no mínimo, insuficiente para descrever o fenómeno com o qual estamos a lidar”. Apelidado de “sintetizador cultural”, o baterista tem um dom único para fazer o espaço desmoronar, destruir fronteiras e misturar passado, presente e futuro em arranjos politexturais de música folclórica com raízes no jazz do século XXI. Segundo o *New York Times*, “McCraven tornou-se discretamente um dos melhores argumentos da vitalidade do jazz”. O baterista explicou à NPR: “não me parece que o que eu faço esteja muito longe do legado do jazz em que cresci... Acho que uma das coisas que lhe dá força é o facto de as pessoas quererem discutir isso. É um bom sinal. Significa que há vida aqui”.

Nascido em Paris (1983), Makaya é filho da cantora e flautista húngara Ágnes Zsigmondi e do baterista de jazz afro-americano Stephen McCraven. Foi assim criado numa comunidade vibrante e criativa na zona de Northampton (Massachusetts), onde o pai tocava frequentemente com artistas como a saxofonista e etnomusicóloga Marion Brown, o multi-instrumentista Yusef Lateef e o saxofonista Archie Shepp, e com um grupo de músicos africanos *guinua*. A cena fervilhante, temperada com a sedutora mistura de culturas, ajudou a estabelecer a sua filosofia de encarar o jazz como música folclórica. Já a mãe trazia as tradições folclóricas da Europa de Leste, moldando as suas ideias sobre o papel da música na construção das comunidades.

“Sinto-me realmente atraído pela música folclórica. Música de tradição oral, do povo, tratada como uma experiência coletiva em que se combina com dança e cultura, em que todos participam e consideram como parte do ser”. Makaya vê o seu trabalho como uma continuação dessas tradições, observando ainda que gostava “de ensinar a minha música de ouvido e, mesmo quando incluo ritmos mais desafiantes ou compassos difíceis, espero conseguir fazê-lo de uma forma que saia do corpo, da terra. Que de alguma forma não seja uma experimentação intelectual, mas que diga alguma coisa às pessoas”.

Além de imerso nas tradições folclóricas do mundo inteiro, McCraven é também um filho dos anos 90, profundamente influenciado pelo hip hop baseado em *samples*. Revela que o jazz era por vezes entendido pelos seus pares como “algo velho, piroso, branco... até ao ponto de andarmos à pancada”. Isto contrariava

a sua própria experiência com a música: “Era uma ideia muito estranha para mim, porque os tipos com quem cresci eram fixes, não se comportavam assim”.

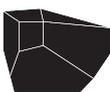
Acabaria por descobrir pontes entre o jazz e o hip hop, incluindo os discos de jazz clássicos *samplados* por produtores de hip hop como Pete Rock, e passou a dedicar a sua energia a reapropriar-se da música “para a tornar aquilo que era, o que significa para mim e para o meu povo”.

Depois de ter começado a trabalhar na cena musical de Massachusetts Ocidental, ele e a sua parceira (agora esposa, a investigadora académica de estudos raciais Nitasha Tamar Sharma) mudaram-se para Chicago em 2006. Rapidamente McCraven viu-se imerso no meio jazzístico, provando a sua versatilidade e encontrando uma comunidade que espelhava a cena pulsante que acabaria por gerá-lo artisticamente. No decorrer de cinco anos, consolidou o seu próprio espaço, tocando com figuras de referência como Willie Pickens, Marquis Hill e Jeff Parker.

No final de 2011, estabeleceu contacto com os fundadores da Chicago's International Anthem. Pouco depois, a editora começou a organizar e gravar uma série de concertos improvisados com o combo de Makaya no The Bedford, um clube situado na antiga cave de um banco. McCraven pegou em 48 horas de gravações e esculpiu sedutoras batidas de hip hop. Naquela altura, pensou no projeto – que se tornou *In the Moment* – como uma oportunidade para estabelecer ligações e encontrar um público jovem. “Senti que era a hora e o local certo para poder realmente ligar-me a pessoas.” Essa sensação foi profética: o *JazzTimes* catalogou o disco como “um dos lançamentos do ano mais impressionantes”, foi “álbum da semana” escolhido pelo influente DJ Gilles Peterson na BBC 6 Music, e fez parte das listas de “Melhores de 2015” da PopMatters, NPR e Los Angeles Times.

McCraven continuou a aperfeiçoar o seu processo de *sampling* e improvisação ao vivo com *Highly Rare* em 2017, *Where We Come From* de 2018, construído a partir de gravações de um projeto no Total Refreshment Centre de Londres, e *Universal Beings*, também lançado em 2018, que consiste em sessões alargadas ao vivo em Chicago e em Nova Iorque, além de sessões de estúdio inesperadas em Londres e Los Angeles. O trabalho contou com configurações variadas de músicos internacionais, incluindo Nubya Garcia e Shabaka Hutchings de Londres, Junius Paul e Tomeka Reid de Chicago, Anna Butterss e Miguel Atwood-Ferguson de Los Angeles, e Brandee Younger e Dezron Douglas de Nova Iorque.

O título do álbum foi retirado de uma passagem *samplada* de “Brighter Days Beginning”, na qual o percussionista Carlos Niño



casa da música

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA



propõe “We’re universal beings”, um tema sobre a ausência de fronteiras que ressoou profundamente em McCraven. “Não estou restringido a esta fronteira ou a esta cidade”, afirmou à Vice em 2018. “O que é um lugar? Além das pessoas. É só lixo, sabes?”

Entretanto, remisturou o último disco de Gil Scott-Heron (*I’m New Here*, de 2010) para *We’re New Again: A Reimagining by Makaya McCraven*, de 2020, e mergulhou no catálogo da Blue Note Records em 2021 com *Deciphering the Message*, cada projeto com recurso a novas improvisações e *sampling*, ajudando a consolidar a sua designação de “beat scientist”. Ao mesmo tempo, as sementes para *In These Times* estavam a florescer e os seus viveiros eram palcos espalhados pelo mundo.

Coleção de composições politemporais inspiradas tanto por lutas culturais mais amplas, quanto pela experiência pessoal de McCraven como produto de uma comunidade multinacional de músicos da classe trabalhadora, *In These Times* é o disco que o músico tentou criar ao longo de mais de sete anos, e que esteve em lume brando enquanto os outros registos foram lançados. Começou, de facto, a gravá-lo há sete anos mas, “por uma qualquer razão, *Universal Beings* acabou por se concretizar muito mais rapidamente. Demorou mais tempo para amadurecer e tornar-se aquilo que é. Com o sucesso de *Universal Beings* (...) tive a oportunidade de me aperceber de que o disco não era uma coleção de trios e quartetos, mas transformei-o numa *performance* em concerto por 10 a 12 pessoas, e essa experiência acabou por fazer evoluir a minha abordagem ao álbum”.

In These Times abrange tudo o que ele viveu, bem com a sua descendência, impulsionando a música em simultâneo. Na crítica de música “Passion of the Weiss” sugere-se que “o trabalho de McCraven, tanto com jovens músicos, como com os sons de trabalhos antigos, faz parte de uma conversa necessária acerca da próxima evolução da música negra improvisada conhecida coloquialmente por ‘jazz’. Ele encontrou os fios que ligam o passado ao presente, e ou está a embrulhá-los com novas cores e texturas, ou dedilha-os alegremente como as cordas de um grande instrumento”. McCraven concorda: “Para mim, é essa a tradição em que quero tentar participar. Estar bem enraizado, mas a andar em direção ao futuro, é na realidade o que todos os líderes nesta música fizeram que eu admiro. Acho que isso é importante para as pessoas. Algo que é parecido ao que conhecemos, mas está a evoluir... é apenas onde estou, onde estamos e a evolução disso, e é aquilo que estou a tentar ser”.

Texto adaptado da biografia de Ayana Contreras (2022)

Operação técnica

ILUMINAÇÃO Virgínia Esteves

PALCO Amaro Castro, Carlos Almeida

SOM Carlos Lopes, Mariana Guedelha, Marco Jerónimo

Próximos concertos

21 TERÇA 21:00 SALA SUGGIA

Lambchop + Alan Sparhawk

Misty Fest

promotor: Uguru

21 TERÇA 21:30 SALA 2

Matthew Halsall

Misty Fest

promotor: Uguru

22 QUARTA 21:00 SALA SUGGIA

John Grant + Nadine Khouri

Misty Fest

promotor: Uguru

24 SEXTA 21:00 SALA SUGGIA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Michael Sanderling direção musical

Alena Baeva violino

obras de **Ludwig van Beethoven** e **Witold Lutosławski**

25 SÁBADO 22:00 SALA SUGGIA

Suburbano: Orquestra Jazz de Matosinhos &

Guinga

26 DOMINGO 12:00 SALA SUGGIA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Michael Sanderling direção musical

Concerto comentado por **Daniel Moreira**

Concerto para orquestra de **Witold Lutosławski**

26 DOMINGO 21:00 SALA SUGGIA

Ara Malikian World Tour

promotor: Lemon Ibéria

28 TERÇA 19:30 SALA 2

Mafalda Lemos guitarra portuguesa

Prémio Novos Talentos Ageas

29 QUARTA 21:30 SALA 2

Monte Branco: Cura

promotor: O Malhão

30 QUINTA 21:30 SALA SUGGIA

Cristina Branco: Mãe

promotor: Locomotiva Azul